Capítulo 3

As intervenções no terreno

3.1. História sucinta dos trabalhos

Em 1995, foi criado e apresentado ao Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR), organismo que então tutelava a arqueologia nacional, um projecto de investigação intitulado "A Neolitização no Interior Alentejano" destinado a recolher, e tratar criticamente, informação relativa ao processo de neolitização decorrido no Interior/Sul do território, que, nesse momento, já se sabia anterior à emergência do megalitismo funerário, mas para o qual não existia documentação suficiente que permitisse construir, e contrastar, modelos empiricamente sustentáveis.

No âmbito deste projecto, estavam programadas intervenções em dois habitats ao ar livre, designadamente no sítio da Valada do Mato, em Évora, e no sítio da Foz do Enxoé, Serpa, na margem esquerda do Guadiana.

Após a realização, entre 1993 e 1995, de repetidas prospecções de superfície na Valada do Mato estava definido o potencial que o sítio continha para abordar esta questão. A abundância e homogeneidade tipológica do material recolhido constituíam um indicador da existência, provável, de uma densa utilização daquele espaço durante o Neolítico antigo. A ausência de elementos artefactuais que pudessem ser atribuídos a qualquer outro momento da (Pré-)História fazia admitir, desde o início dos trabalhos, que se estava perante uma ocupação culturalmente coerente e sem, evidentes, reutilizações posteriores da área.

Na Foz do Enxoé, a presença de recipientes carenados, entre o material proveniente das prospecções, indicava que o sítio teria sido ocupado durante o Neolítico final, no entanto, as raras cerâmicas decoradas e algumas lamelas, que aí tinham também sido recolhidas, podiam pertencer a uma anterior implantação neolítica, que se esperava detectar em escavação.

Depois de realizadas três intervenções, em 1995, 1997 e 1998, o sítio da Foz do Enxoé foi excluído do projecto porque se tornou evidente que estes materiais, que inicialmente se admitia poderem pertencer a uma etapa antiga do Neolítico, faziam parte integrante do pacote artefactual produzido pelos grupos do Neolítico final que aí se implantaram (Diniz, 1999a, 1999b).

Desde então, o projecto centrou-se, ao nível das intervenções de terreno, exclusivamente sobre o sítio da Valada do Mato, onde os trabalhos decorreram entre 1995 e 2001, em cinco campanhas de escavação (Foto 1).

3.2. Valada do Mato: as intervenções no terreno

A campanha 1(95)

A primeira intervenção, realizada no Verão de 95, foi dirigida em parceria com Manuel Calado, que foi também co-autor da primeira notícia publicada acerca do sítio (Diniz e Calado, 1997).

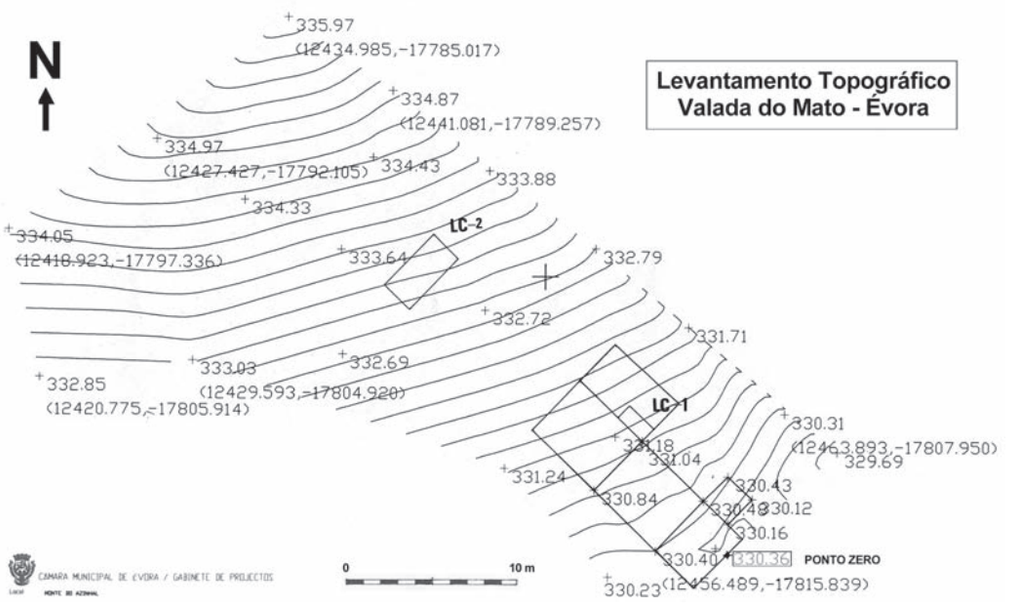


FIG. 22 – Levantamento topográfico detalhado do sítio da Valada do Mato.

De entre as duas plataformas do interflúvio ocupado, que possuíam traços inequívocos de ocupação humana, seleccionou-se aquela que ocupava uma cota mais baixa, entre os 330 e os 340 m (Fig. 22). Esta encontrava-se protegida por um espesso anel de vegetação arbustiva e arbórea e não apresentava sinais, à excepção de tocas de roedores, de qualquer tipo de actividade recente, ao contrário da situação verificada na plataforma superior, onde eram evidentes os vestígios de trabalhos de remoção e limpeza do montado. A plataforma inferior teria sido "em tempos", segundo informação do feitor da herdade, objecto de uma agricultura não mecanizada, mas não fora utilizada nas últimas décadas (Foto 2).

Optou-se, então, por intervir na extremidade SE desta rechã, numa área relativamente aplanada e limitada por afloramentos de granito, que poderiam ter contribuído para a preservação dos níveis arqueológicos.

Nesta primeira campanha, foi aberta uma pequena sondagem de 12 m², onde se pretendia obter uma primeira aproximação à estratigrafia do sítio e ao tipo de materiais, e estruturas, que aí pudessem estar conservados.

Procurava-se, também, recolher matéria orgânica em contextos seguros o que permitiria, para além da obtenção de datações absolutas que cronometricamente caracterizassem esta ocupação, definir o estatuto, predador ou produtor, do grupo neolítico aí estacionado.

Quando se deu por concluída esta intervenção, a área escavada encontrava-se, literalmente, coberta por blocos de granito de pequenas e médias dimensões, associados a abundantes fragmentos cerâmicos e materiais líticos, assemelhando-se a um incoerente "empedrado" cuja origem e, eventual, funcionalidade importava averiguar. A planta desta unidade não tinha paralelos com qualquer outra publicada para contextos contemporâneos, no espaço português (Diniz e Calado, 1997, p. 27).

Uma vez que os limites deste empedrado não se encontravam definidos optou-se, então, por levantá-lo apenas num pequeno sector de 1 m², onde depois de escavado um areão estéril se atingiu o granito de base.

Apesar de, nesta campanha, não ter sido identificada qualquer estrutura como as já conhecidas em espaços habitacionais, a presença de abundantes fragmentos cerâmicos asso-

ciados a evidências de talhe no local, de uma matéria-prima alógena como o sílex, confirmavam o carácter doméstico desta ocupação.

A campanha 2(98)

Os trabalhos de campo foram retomados em Julho de 1998, agora no âmbito de um projecto de investigação plurianual, aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia (IPA), que manteve a designação "A Neolitização no Interior Alentejano" – "NIA", uma vez que se retomavam, no essencial, os objectivos do anterior programa de estudos.

Nesta campanha, foi aberta uma área de 24 m².

Para além dos objectivos inicialmente estabelecidos para as intervenções no terreno, pretendia-se, nesta campanha, circunscrever espacialmente, perceber a origem natural ou antrópica do "empedrado" detectado em 1995 e, a confirmar-se esta última, definir a sua funcionalidade.

No entanto, e depois de constatado o aumento de potência sedimentar, que existia quando se escavavam cotas mais elevadas desta plataforma, verificou-se que, nesta área, os pequenos blocos de granito não só se tornavam nitidamente menos frequentes e mais dispersos, como estavam mesmo quase ausentes em alguns dos sectores da escavação.

A pouca coerência desta unidade não permitia atribuir-lhe uma funcionalidade específica, e a caótica dispersão dos blocos demonstrava que, e independentemente da origem desta realidade, no presente, esta parecia encontrar-se significativamente afectada por processos pós-deposicionais.

No entanto, o material cerâmico apresentava-se em bom estado de conservação. Foram recolhidos fragmentos cerâmicos de grandes dimensões e de arestas vivas e, em alguns casos, partes de recipientes ainda fragmentados em conexão.

Nesta campanha, foi também identificada parte de uma estrutura pétrea, semicircular, constituída por blocos de granito de dimensões médias. Esta estrutura parecia encontrar-se relativamente bem preservada, ainda que não fosse clara a sua funcionalidade.

Uma vez que esta não foi integralmente posta a descoberto, durante o período da escavação, agendou-se para a próxima intervenção a abertura de uma nova área para NW, e a definição e escavação integral desta estrutura.

O carácter antrópico desta realidade pareceu desde logo evidente, e admitiu-se mesmo que, pelo menos parte, dos blocos dispersos pela área escavada poderiam provir do desmantelamento desta estrutura positiva. Entre os blocos de granito que a compunham foi recolhido algum material cerâmico e lítico, ainda que em pequeno número.

Ao longo destas duas campanhas, a recolha em contextos que se consideraram perturbados de escassas esquírolas de osso e pequenos nódulos de carvão não aconselhava a sua utilização como amostras para obtenção de datações absolutas e, portanto o sítio continuava a ser classificado de acordo com critérios, exclusivamente, tipológicos.

A campanha 3(99)

Em Julho de 1999, decorreu a 3.ª campanha de escavações na Valada do Mato. Foi aberta uma nova área de 20 m², ampliando-se no eixo NW-SE o corte anteriormente escavado. Para além da prossecução dos objectivos genéricos propostos para as intervenções, esta campanha destinava-se a definir os limites da estrutura pétrea anteriormente identificada, e a caracteri-

zar a área que imediatamente a envolvia. Pretendia-se após a definição espacial desta unidade dar início à sua desmontagem e caracterizar a sua funcionalidade.

No entanto, o decorrer dos trabalhos pôs a descoberto um conjunto de complexas situações que não permitiram atingir este objectivo. O constante aumento de potência sedimentar implicava um processo lento de escavação da unidade superficial e, tal como tinha acontecido em 1(95) ou 2(98), após a remoção dessa unidade, detectava-se uma notável dispersão, por toda a área escavada, de blocos de granito associados a muito abundante material arqueológico lítico e cerâmico.

Mas e ao contrário da situação verificada nas anteriores campanhas, parecia agora surgirem em associação alguns blocos de granito de maiores dimensões. Era pouco claro se estes blocos fariam parte de antigas estruturas, já muito perturbadas, ou se se encontravam em posição secundária. A dispersão artefactual não fornecia também elementos particularmente esclarecedores, uma vez que não se detectaram concentrações significativas, a partir das quais pudessem ser atribuídas funcionalidades específicas a alguns sectores.

A presença, ainda que muito escassa, de seixos de quartzito com fracturas térmicas em pontos dispersos da área escavada parecia indicar a existência no sítio de lareiras, ainda não identificadas, que produziram termoclastos, e que se encontrarão, pelo menos parcialmente, desmanteladas, o que apoiava a hipótese de se estar perante material deslocado da sua posição original.

O facto de o sedimento escavado se apresentar nada compactado permitia utilizar o colherim como único instrumento de escavação, mas conferia grande instabilidade física ao conjunto, e dificultava o necessário processo de isolar, no terreno, ruído e informação.

Nesta campanha, foram postos a descoberto mais alguns blocos de granito que deviam integrar a estrutura pétrea semicircular, mas a presença de uma pequena banquete de segurança, de cerca de 15-20 cm, deixada entre os cortes de 2(98) e 3(99) não permitiu o esclarecimento cabal desta questão.

Tal como verificado em 2(98), a área que imediatamente envolvia esta estrutura apresentava-se quase desprovida de blocos de granito.

Após três campanhas de escavação, era evidente que a densidade e a dimensão dos elementos pétreos existentes no sítio contrastava, de forma nítida, com os cenários propostos para os espaços habitacionais, cultural e cronologicamente afins, no território português, onde as estruturas de habitat se caracterizavam, dada a ausência nos níveis escavados de "materiais de construção", como frágeis, de curta duração e construídas em materiais perecíveis.

Por isso, e ainda que o carácter habitacional do sítio nunca tenha sido posto em causa, admitia-se que este sector do habitat pudesse ter desempenhado outras funções que não exclusivamente as de carácter doméstico.

O desconhecimento das práticas de enterramento das populações que no Neolítico antigo ocuparam os territórios do interior, e a existência, em alguns sítios, de justaposições entre espaços quotidianos e espaços funerários ou simbólicos, permitiam colocar a hipótese de, no sítio da Valada do Mato, estar registada uma situação dessa natureza.

Estava também, ainda, em aberto a relação estratigráfica que existia entre a estrutura pétrea, parcialmente definida, e a unidade, registada na restante área escavada, que se caracterizava pela dispersão de blocos de granito.

A campanha 4(00)

A 4.ª campanha, realizada em Setembro de 2000, destinava-se a delimitar e escavar integralmente a estrutura pétrea, a compreender a sua funcionalidade, e a definir a sucessão estratigráfica do sítio.

Para tal, optou-se, inicialmente, por não ampliar a área intervencionada, retomando-se a escavação em alguns sectores dos cortes efectuados em 2(98) e 3(99). Após a remoção do sedimento que cobria as anteriores intervenções, levantou-se a pequena banquete que permanecia entre os dois cortes e definiu-se na totalidade a planta da estrutura pétrea.

Esta estrutura não era, como tinha parecido em 99, ovalada, mas circular e apresentava justapondo-se à sua extremidade NW, um pequeno aglomerado de blocos de granito de médias dimensões que pareciam formar um pequeno "vestíbulo" em relação ao espaço circular.

A escavação desta estrutura circular forneceu, pela primeira vez, e ao fim de quatro campanhas, carvão vegetal e esquírolas de osso, provenientes de um contexto fechado, e que por isso puderam ser utilizadas para obter datações absolutas para esta ocupação.

No exterior da estrutura, o levantamento dos blocos de granito dispersos pôs a descoberto uma unidade sedimentar, até então não detectada, que consistia num solo de "terras negras", contemporâneo da ocupação neolítica do sítio e que envolvia as estruturas identificadas.

Este solo de origem antrópica, que com o decorrer do processo de escavação se tornou uma realidade evidente, foi inicialmente difícil de definir, dado que no interface entre ambas as unidades se observava apenas uma ligeira cambiante na coloração do sedimento.

Também em 4(00) atingiu-se, pela primeira vez, numa área significativa, a rocha de base o que permitiu a realização de perfis estratigráficos, que cobrem a totalidade da sucessão conservada nestes sectores.

No decorrer desta campanha, identificou-se, a cerca de 1 m a norte da estrutura circular, uma concentração de grandes blocos de granito que podiam pertencer a uma outra estrutura idêntica, embora, esta se apresentasse menos bem conservada. Prolongou-se, por 2 m², a quadrícula nessa direcção, e após a remoção do nível superficial esta área ficou parcialmente coberta por grandes blocos de granito.

A identificação, no final da intervenção de 2000, desta realidade justificou a programação, para o Verão de 2001, de uma outra campanha destinada a intervir nesta área, campanha que não estava prevista na planificação inicial do projecto "NIA".

Também na campanha 4(00) foi aberta, a cerca de 10 m a montante da primeira área intervencionada, uma pequena sondagem de 8 m², designada como *Locus* 2, na qual se pretendia obter um perfil estratigráfico que contribuísse para o esclarecimento dos fenómenos de criação, abandono, perturbação e cobertura do sítio.

Estes objectivos, no entanto, não foram alcançados. Tal como aconteceu em anteriores campanhas, a área escavada ficou coberta de blocos de granito, que aparentemente não integravam qualquer estrutura, associados a abundante material arqueológico. Não foi possível no decurso desta intervenção, e depois de escavados cerca de 80 cm, atingir a rocha de base, mas, inequivocamente, confirmou-se a crescente potência sedimentar registada nas cotas mais elevadas desta vertente, e a intensidade dos processos pós-deposicionais ocorridos sobre, eventuais, estruturas pétreas.

Uma vez concluída a campanha 4(00), porque pela primeira vez se conseguiram dados de outra natureza que não estritamente artefactuais, e porque o projecto foi alvo de financiamento por parte do IPA, deu-se início a um programa de análises transdiscisplinares, destinado a produzir informação acerca de questões chave que permaneciam em aberto.

A obtenção dos primeiros intervalos cronométricos para o sítio, a realização de estudos traceológicos sobre um conjunto seleccionado de utensílios líticos, e o início de um programa de análises químicas sobre amostras de sedimento, foram algumas das acções desenvolvidas após o terminar desta campanha.

A campanha 5(01)

Em Setembro de 2001, decorreu a 5.ª e, até ao momento[2], última campanha de escavações na Valada do Mato. Esta intervenção tinha como objectivo prioritário a abertura, em torno da provável estrutura identificada no limite norte do sector escavado em 4(00), de uma área que permitisse delimitar essa realidade.

Para isso foram abertos cerca de 13 m². Após o levantamento da unidade superficial e dos blocos de granito, que de forma desorganizada cobriam a área de escavação, estava conservado, também neste corte, o solo de origem antrópica detectado na anterior campanha.

Nesta área, foram identificadas duas estruturas, uma primeira de que apenas se conserva a base, e que consiste num anel ovalado constituído por blocos de granito de distintas dimensões, e uma estrutura negativa aberta no granito de base.

A concentração de grandes blocos de granito cujo aparecimento conduziu à realização desta campanha pôde ser espacialmente definida, mas não foi ainda levantada. No momento terminal desta intervenção não era clara a origem desta unidade. Pode tratar-se de uma estrutura de funcionalidade não detectada já muito perturbada, e/ou de blocos de granito aqui acumulados depois do desmantelamento parcial de outras realidades.

Após cinco campanhas de escavação, que perfizeram um total de 91 dias de trabalho efectivo, numa área aberta de cerca de 79 m², não estão ainda resolvidas todas as questões que, à partida, se colocavam.

A ausência de paralelos imediatos para as realidades identificadas no decorrer das escavações, a raridade, e o mau estado de conservação da matéria orgânica recolhida não permitiram uma resolução efectiva de parte das problemáticas iniciais, e por isso está previsto o retomar, a breve prazo, dos trabalhos no terreno.

Assim, e ao contrário de outras sínteses que se apresentam como o encerrar de um projecto e que são produzidas após a conclusão das intervenções sobre um sítio, ou um conjunto de sítios, esta foi construída num momento mesial da investigação sobre a Valada do Mato. Se, no primeiro caso, os modelos propostos, ou defendidos, tendem a perdurar no tempo, as leituras aqui apresentadas podem tornar-se, com a realização de novas intervenções no sítio, inadequadas perante novos dados.

3.3. Metodologia de escavação e registo

No sítio da Valada do Mato foi adoptado, de entre um quadro amplo de metodologias disponíveis, um conjunto de procedimentos considerados adequados em função das condições específicas que o sítio apresentava e dos constrangimentos, logísticos e financeiros, existentes.

A somar aos pequenos montantes disponíveis, para a realização das diferentes campanhas, o acesso ao sítio estava, à partida, limitado a um reduzido grupo e por um pequeno período de tempo. Tratou-se, por isso, e apesar do sítio se encontrar protegido de qualquer tipo de ameaça, de campanhas programadas numa lógica de emergência, uma vez que havia que recuperar a maior quantidade possível de informação significativa, num curto espaço de tempo.

O registo dessas unidades fez-se através do preenchimento de uma ficha de unidade estratigráfica, da realização de uma planta, cotada, à escala 1:20, e do registo fotográfico, em diapositivo e cor ou preto e branco. Os materiais recolhidos foram sempre referenciados ao quadrado de origem, e à unidade estratigráfica de onde provinham.

As coordenadas tridimensionais foram retiradas em todas as circunstâncias que o justificavam, nomeadamente no caso de concentrações de materiais ou de peças cujo estado de conservação ou tipologia particular, pudesse fornecer indicações acerca de áreas potenciais de uso ou abandono destes componentes da cultura material.

Todo o sedimento escavado foi, integralmente, crivado. Durante a escavação da unidade superficial utilizaram-se crivos com malha de 5 mm, e após a remoção deste nível, estes foram substituídos por crivos com malha de 1,2 mm. Apesar de no sítio, não ser possível a utilização de crivos de água, o facto de o sedimento ser muito fino, e não compactado, permitiu o emprego destes crivos de malha muito fina, e a recuperação de restos de talhe, de esquírolas de osso e dos, raros, nódulos de carvão vegetal, de muito reduzidas dimensões.

Durante o processo de escavação, foram recolhidas amostras de sedimento, em todas as unidades estratigráficas detectadas. Estas amostras destinavam-se à realização de análises mineralógicas, granulométricas e químicas que podiam vir a ser úteis na determinação da origem e funcionalidade das unidades escavadas.

3.4. Estratigrafia e tafonomia: apresentação e debate

Locus *1 – Preâmbulo*

A sucessão estratigráfica identificada na Valada do Mato, e que abaixo se apresenta, pode ser, desde logo, dividida em duas fases distintas. Da base para o topo, regista-se um primeiro conjunto de unidades que assentam na rocha de base ou no granito alterado, e que são interpretadas como genericamente contemporâneas, e criadas aquando da ocupação neolítica do sítio. Estão nestas circunstâncias a U.E. 6, U.E. 9, U.E. 12, U.E. 5, U.E. 5A, U.E. 7, U.E. 10, U.E. 15, U.E. 16, U.E. 17 e U.E. 18.

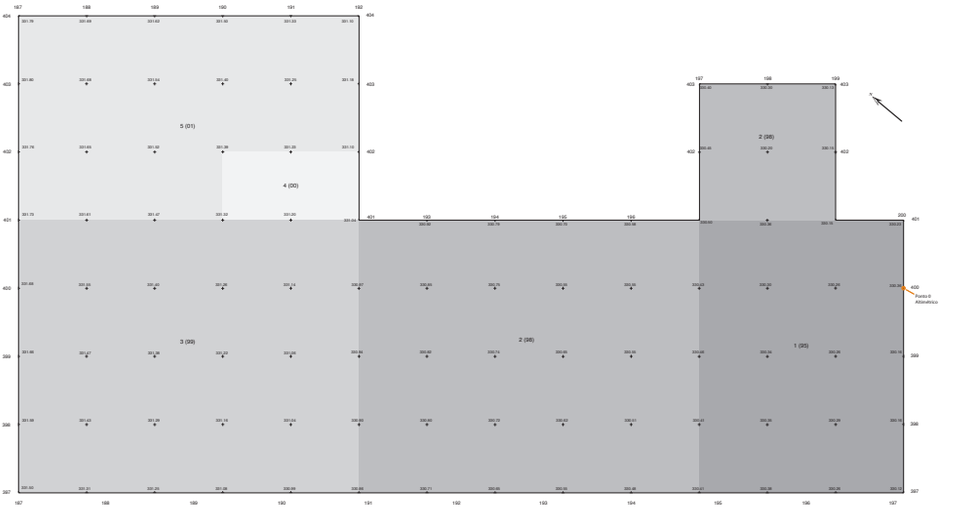
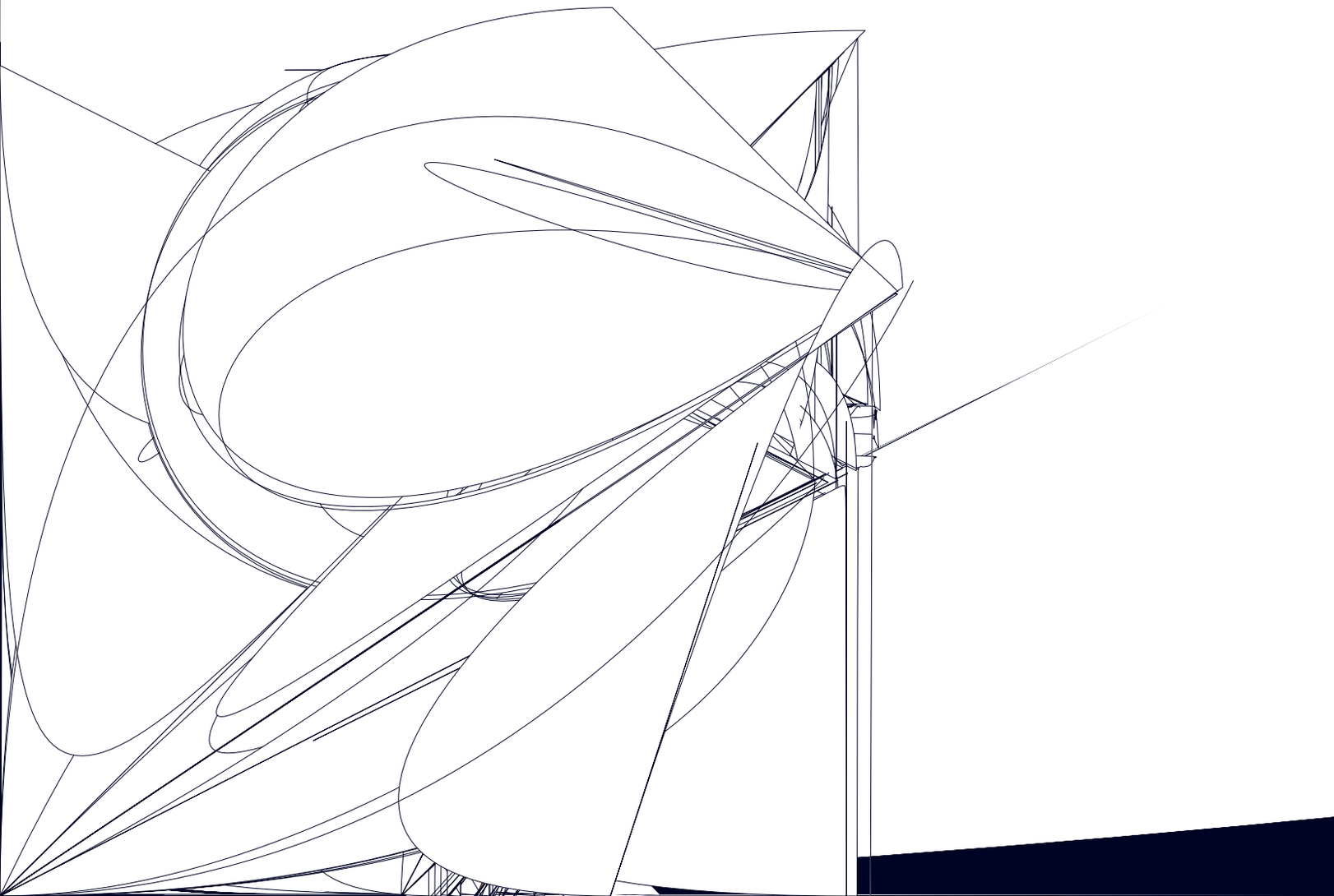


FIG. 23 – Valada do Mato, *Locus* 1, planta do topo da U.E. 1.



al proveniente de pontos mais ele-
origem nas unidades que cobre,
E. 15.

unidade superficial e as unida-
rmada por acção de processos
onada, à excepção da ocupada
os 20-30 cm, e ainda não foi
nidade é, como na U.E. 1, are-
stanha homogénea (Munsell

unidades que apresentam
presença, em U.E. 2/3, de
andes fragmentos cerâmi-
de recipientes fragmen-
a escavada, de blocos de
e admitiam poder fazer

am da sua posição ori-
escavação levantou e

e é constituída pelo

No entanto, o estado de conservação, a dimensão, e a frequência, dos fragmentos cerâmicos aqui recolhidos, associados a frequentes restos de talhe de 2-3 mm, são indicadores de unidades bem preservadas, que não devem ter sofrido lavagens e movimentações profundas, e que terão, num intervalo de tempo relativamente curto, ficado cobertas.
Estes blocos de granito, bem como os grandes fragmentos cerâmicos, não estiveram sujeitos ao pisoteamento próprio dos sítios habitacionais. O seu estado de conservação, e a sua abundância, não é compatível com a utilização antrópica deste espaço, que se tornaria, objectivamente, intransitável.
Esta unidade deve resultar do desmantelamento das estruturas existentes no sítio neolítico, e a densidade deste "material de construção", associado à densidade artefactual, constituir um indicador da intensidade da ocupação humana, neste espaço.
Os raros nódulos de carvão e, sobretudo, as esquírolas de osso carbonizado, recolhidos nesta unidade foram interpretados, e analisados, como ecofactos resultantes da ocupação neolítica, mas, dada a natureza pós-deposicinal da unidade estratigráfica de origem, nunca foram utilizados para o estabelecimento de intervalos cronométricos.
A U.E. 2/3 encostava à U.E. 5 e cobria as U.E. 9, U.E. 12, U.E. 16, U.E. 17, U.E. 18, assentando, pontualmente, no granito alterado ou na rocha de base.

U.E. 4 – unidade estratigráfica de formação natural, constituída pelo areão resultante da degradação do granito de base. Consiste num sedimento compacto, de cor castanho acinzentado claro (Munsell 10 YR 6/2, *light brownish*), e apresentava-se como uma unidade arqueologicamente estéril, nos quadrados onde foi integralmente escavada até se atingir a rocha de base. A sequência estratigráfica detectada, até ao momento, na Valada do Mato assenta ou neste areão ou no granito de base, que aflora a cotas muito desiguais (ver Fig. 31).

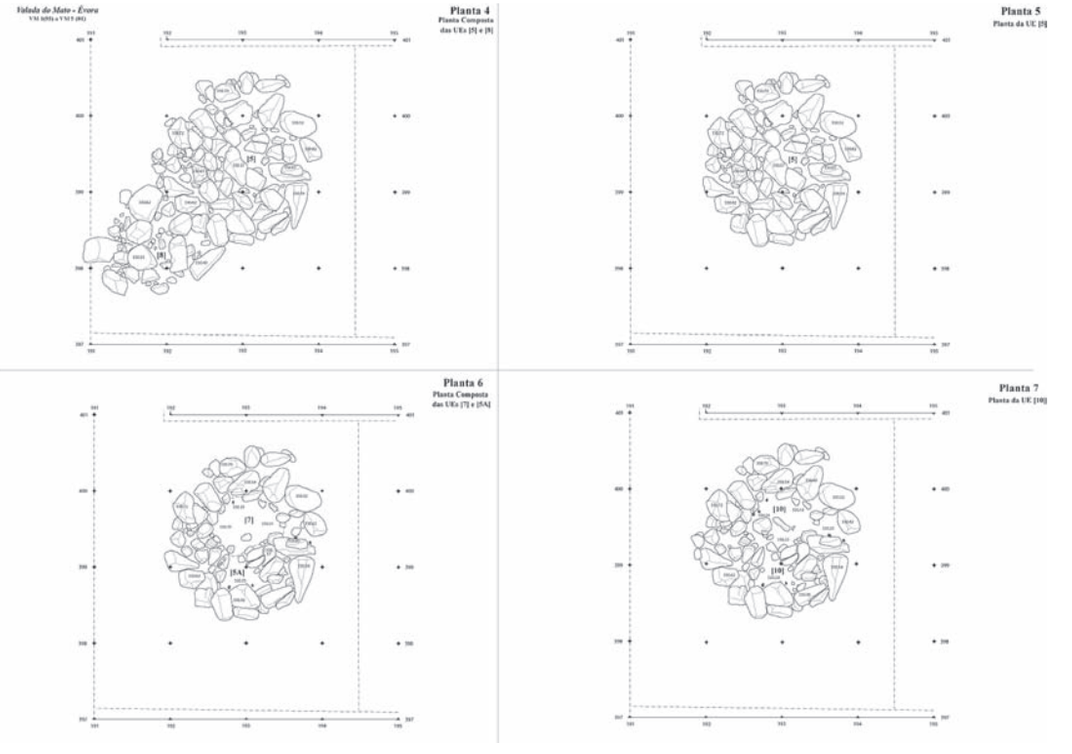


FIG. 26 – Valada do Mato, *Locus* 1, plantas da U.E. 5 e U.E. 8, U.E. 5, U.E. 5A e U.E. 7, U.E. 10

U.E. 5 – unidade estratigráfica de formação antrópica, que consiste numa estrutura pétrea, aproximadamente circular, com cerca de 2 m de diâmetro, composta por blocos de granito, de médias dimensões (50 cm x 30 cm x 20 cm) (Figs. 25 e 26). Ainda que alguns blocos possam estar ligeiramente desviados da sua posição original, o seu perímetro encontrava-se bem definido, e o seu interior preservado. Alguns destes blocos estão estalados *in situ*, mas não possuem traços de fogo.

Esta estrutura apresentava-se como uma carapaça pétrea constituída por um anel lítico, que marcava o seu perímetro, e por blocos de granito, de pequenas e médias dimensões, que preenchiam o espaço interno, e que se encontravam, no momento da escavação, ainda, solidamente imbricados (Foto 5 e Foto 6).

Entre estes blocos, o material arqueológico era raro, mas deve destacar-se a presença de um fragmento de recipiente cerâmico que apresenta no seu interior várias pequenas protuberâncias de tipo mamilar, e para o qual não são conhecidos paralelos (Est. 45:4; Foto 85).

Atendendo à coerência que apresentavam os blocos que definiam o anel exterior da estrutura, optou-se por levantar aqueles que se encontravam no seu interior.

Após a remoção destes blocos puderam distinguir-se, no interior da estrutura, duas áreas, delimitadas por pequenos blocos de granito, que segmentavam o espaço interno, e que se encontravam preenchidas por duas realidades distintas, a E encontrava-se U.E. 7, a W a U.E. 5A.

Os blocos de granito, no interior da estrutura, assentam na rocha, ou no granito alterado, enquanto que os blocos, de maiores dimensões, que marcam o perímetro, estão assentes no solo de ocupação do sítio, designado como U.E. 9.

A U.E. 5 não foi totalmente levantada, e colocam-se, ainda, questões acerca da funcionalidade específica desta estrutura, para a qual não se conhecem paralelos em território português.

U.E 7 – unidade estratigráfica, de origem antrópica, detectada nos quadrados 192-193/399, após a remoção dos blocos de granito que constituíam a cobertura lítica da U.E. 5, que neste espaço se apresentava, particularmente, consistente (Foto 8). Foi identificada, numa área bem definida, como uma mancha de terra de cor castanho muito escuro (Munsell 7.5 YR 2.5/2, *very dark brown*), com uma espessura da ordem dos 15 cm, onde abundavam pequenos nódulos de carvão vegetal. Esta unidade cobria U.E. 10, e foi integralmente recolhida (Fig. 26).

Provêm, desta unidade, raríssimas esquírolas de osso carbonizado, e os escassos materiais arqueológicos consistem em pequenos restos de talhe, ou fragmentos de lamelas de muito reduzidas dimensões, que devem, involuntariamente, ter integrado este depósito.

O carvão aqui recolhido, proveniente de um contexto arqueológico fechado, foi enviado ao CIPA para análise antracológica, uma vez que se pretendia utilizá-lo como amostra para obtenção de uma primeira datação absoluta para esta ocupação.

Para além de minúsculos nódulos de carvão de medronho, a amostra era constituída por carvão proveniente de uma única ramada, cuja espécie não foi possível de determinar.

Este carvão, proveniente da última combustão realizada nesta estrutura, foi enviado para o laboratório BETA ANALYTICS, Miami, e forneceu o primeiro intervalo de tempo obtido para o sítio da Valada do Mato (Beta – 153914).

Também desta unidade foram enviadas para datação, ao Centrum voor Isotopen Onderzoek, Groningen, esquírolas de osso carbonizado (amostra GrA – 18298).

A presença de carvão, terra queimada e blocos de granito com faces enegrecidas, no interior da U.E. 5, constituíam indicadores da funcionalidade desta estrutura como espaço de combustão. No entanto, o facto de se tratar de uma estrutura, parcialmente positiva,

cuidadosamente encerrada, na qual foram empregues blocos de granito por vezes de grandes dimensões, e a absoluta ausência de termoclastos de quartzito no seu interior, que contudo, estão presentes no sítio, distingue esta estrutura de combustão das lareiras, até agora, conhecidas em contextos do Neolítico antigo, em Portugal (Foto 9).

U.E. 5A – no sector W desta estrutura, nos quadrados 192-193/398, identificou-se uma outra unidade designada como U.E. 5A, caracterizada pela presença de um sedimento castanho amarelado claro (Munsell 10YR 4/3, *brown*), com uma espessura de cerca de 10 cm, onde se recolheram raros carvões, algumas esquírolas de osso carbonizado e escassos materiais arqueológicos, que não parecem ter sido propositadamente colocados no seu interior. O sedimento que constituía esta unidade, ainda que contígua a U.E. 7, não parecia ter sofrido a acção de um processo de combustão semelhante ao registado nessa área (Fig. 26).
Entre as esquírolas de osso carbonizado provenientes desta área uma foi identificada, por Cidália Duarte, como parte de um fragmento de calote craniana, provavelmente, humana.
Desta unidade foram enviadas para datação, ao Centrum voor Isotopen Onderzoek, esquírolas de osso carbonizado (amostra GrA – 18296).

U.E. 10 – após a escavação da U.E. 7 e da U.E. 5A, a estrutura encontrava-se preenchida por um sedimento castanho escuro (Munsell 7.5YR 3/2, *dark brown*), *on*de já não eram visíveis nódulos de carvão, e onde eram raras as esquírolas de osso carbonizado (Fig. 26).
Nesta unidade, o material arqueológico era também muito escasso, ainda que aqui se tenha recolhido o único fragmento de artefacto cerâmico, que pode ter sido, considerada a sua dimensão, intencionalmente colocado no interior da estrutura, uma grande pega de concha, com fractura viva e sem qualquer traço de fogo.
Esta unidade, com cerca de 20 cm de espessura, integralmente escavada, preenchia a base desta estrutura, e assentava no substrato granítico.

U.E. 8 – esta unidade estratigráfica foi identificada, na campanha 4(00), após a remoção da pequena banquete deixada entre os cortes efectuados em 2(98) e 3(99). Nesse momento, definiu-se o perímetro circular, e não ovalado, de U.E. 5, e detectou-se, nos quadrados 190/397 e 191-192/398, esta concentração de grandes blocos de granito, que pareciam acoplados ao limite W daquela estrutura (Figs. 25 e 26).
Estes blocos ocupavam uma área pouco superior a 1 m², e pareciam definir um "vestíbulo" ou uma pequena, e já perturbada, estrutura anexa a U.E. 5, pelo que não foram imediatamente levantados. Colocava-se a hipótese de se tratar de uma unidade de origem antrópica, funcionalmente afim de U.E. 5 (Foto 7).
Esta possibilidade não foi confirmada no decorrer da escavação. Estes blocos assentavam no limite entre as U.E. 2/3 e 9, e sob eles eram frequentes os materiais arqueológicos, os pequenos blocos de granito e, ao contrário do verificado em U.E. 5, as esquírolas de osso. Ainda que estes blocos possam ter pertencido à U.E. 5, considera-se que, no momento da escavação, estavam já em posição secundária. A densidade de esquírolas de osso, aqui recolhidas, pode significar que este espaço funcionaria como área de despejo do interior da U.E. 5, e/ou que a presença destes grandes blocos selou, e conservou U.E. 9, como esta seria originalmente. Esta unidade foi integralmente levantada.

U.E. 9 – esta unidade estratigáfica é constituída por um sedimento fino, de cor castanho

FIG. 27 – Valada do Mato, *Locus* 1, planta da U.E. 2/3, U.E. 5, U.E. 8 e U.E. 15.

escuro (Munsell 7.5YR 3/2, *dark brown*), que apresenta algumas variações internas, quer ao nível da coloração quer ao nível da espessura, e que pode atingir uma potência máxima da ordem dos 30-35 cm, como se verificou nos quadrados 193/400 e 194/400 (Figs. 27 e 30). Foi posta a descoberto após o levantamento, na campanha 4(00), de parte da U.E. 2/3, e ao contrário, da situação verificada nesta unidade, em U.E. 9 não se encontravam blocos de granito dispersos pela área em escavação.

Nesta unidade, onde o material arqueológico é relativamente escasso, os fragmentos cerâmicos recuperados, quase sempre de reduzidas dimensões, tendem a apresentar as superfícies desgastadas. Da base desta unidade provêm os dois únicos seixos de quartzito que apresentam levantamentos intencionais. Recolheram-se, ainda, esquírolas de osso carbonizado e, muito raros, nódulos de carvão.

Esta unidade é interpretada como o solo de origem antrópica, formado aquando da utilização do sítio, e onde assentam as estruturas identificadas. Esta unidade terá sido sujeita a uma erosão diferencial que justifica a pouca espessura que apresentava em alguns pontos da escavação, nomeadamente no quadrado 193/398, onde não se distinguia da base da U.E. 2/3, que parecia, aqui, assentar directamente na U.E. 6. Esta unidade foi integralmente escavada, e depositava-se sobre a rocha de base, sobre o granito alterado,

e cobriu a U.E. 6.

U.E. 12 – unidade composta por blocos de granito de pequenas e médias dimensões, postos a descoberto no quadrado 190/398, após a remoção da U.E. 2/3. Estes blocos apresentavam uma distribuição sensivelmente circular com, aproximadamente, um 1 m de diâmetro, e uma disposição, genericamente, aplanada. Nestes blocos não se identificaram traços da acção do fogo (Fig. 27).
Estes blocos estavam envolvidos, e assentavam na U.E. 9, e sob eles foram recolhidas raras esquírolas de osso carbonizado, raros nódulos de carvão e pequenos nódulos de argila cozida. O escasso material arqueológico recolhido em redor destes blocos não forneceu indicações quanto à exacta funcionalidade desta unidade que, no entanto, se interpreta como um pequeno empedrado de origem antrópica. A amostra de sedimento recolhida sob este blocos, ainda que macroscopicamente não diferenciável da U.E. 9, foi identificada com o número da estrutura. Esta unidade foi integralmente escavada (Foto 10).

U.E. 15 – trata-se de uma unidade espacialmente circunscrita, mas ainda não escavada, e que pode ser, provisoriamente, definida como uma concentração de blocos de granito de grandes dimensões, que ocupam uma área de mais de 1 m² e que, pelo menos em parte, assenta na rocha de base (Fig. 27). Estes blocos ainda não foram levantados, e portanto não é, neste momento, possível classificá-los ou como parte de uma estrutura, já muito perturbada, ou como um derrube da U.E. 16, unidade com a qual confinam fisicamente. O facto de, alguns deles, se encontrarem numa posição instável, uma vez que se regista a presença de grandes blocos mal assentes sobre blocos de menores dimensões parece apontar para a última hipótese, no entanto, só a futura escavação desta unidade pode esclarecer esta questão (Foto 11).

U.E. 6 – depois de levantada a U.E. 2/3, nos quadrados 193/397 e 193/398, e no pequeno sector de 194/398 que se escavou em 4(00), surgiram, à cota da base da U.E. 5, um conjunto de blocos de granito de médias dimensões, solidamente fincados no areão de base, e que parecem formar um arco de círculo, que no quadrado 194/399 se encontrava coberto por U.E. 9 e sob a estrutura U.E. 5. Associado a estes blocos, e envolvidos num sedimento muito compacto de cor castanho acinzentado (Munsell 10YR 5/2, *grayish brown*), foi recolhido escasso material arqueológico, alguns pequenos nódulos de argila cozida, raro osso e raro carvão (Fig. 28). Tal como acontece com U.E. 15, esta unidade não foi levantada pelo que a sua interpretação definitiva não é ainda possível. Até ao momento, esta unidade só foi detectada sobre o areão e nunca directamente sobre a rocha.

U.E. 16 – na área aberta na campanha 5(01), e depois de levantadas as U.E. 1 e 2/3, foi detectada a U.E. 9, envolvendo uma estrutura pétrea designada como U.E. 16, que assentava na rocha, ou no areão de base. Esta estrutura consistia num anel de pedra, de forma sensivelmente ovalada, que pode corresponder à base de uma estrutura doméstica de tipo cabana. Apresenta, no seu eixo maior, um comprimento que ronda os 4 m e, no eixo menor, uma largura de cerca de 3 m. O espaço interno encontrava-se relativamente desprovido de blocos de granito, e eram relativamente escassos os materiais arqueológicos (Figs. 28 e 32).
Este anel pétreo encontrava-se num estado desigual de preservação, no limite S e SE foram identificados blocos, de médias ou pequenas dimensões, solidamente fixados no areão, e que permitem, ainda com nitidez, definir o traçado original desta estrutura. No sector SW, alguns grandes blocos dão ainda a ideia do seu contorno que está, neste sector, visivelmente mais perturbado (Foto 13). Esta estrutura não foi levantada. A Norte, a

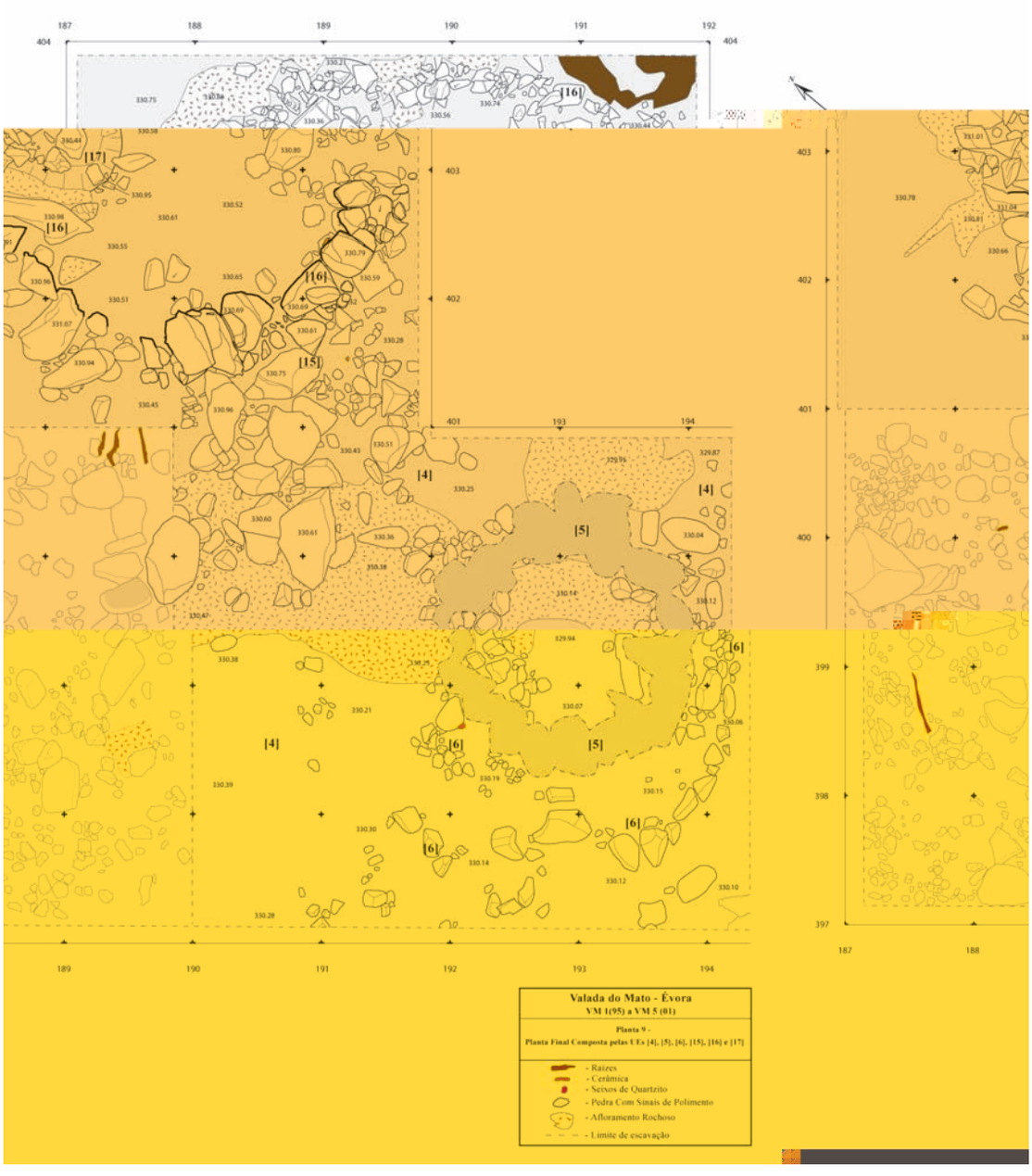


FIG. 28 – Valada do Mato *Locus* 1, planta da U.E. 4, U.E. 6, U.E. 15, U.E. 16 e U.E. 17.

U.E. 16 confina com uma estrutura negativa.

U.E. 17 – unidade estratigráfica, do ponto de vista sedimentar idêntica a U.E. 9, constituída por um sedimento muito fino de cor escura, com algumas esquírolas de osso, sem nódulos de carvão, e com muito escasso material arqueológico, entre o qual se destaca um pequeno afiador em granito. Preenchia a U.E. 18 (Figs. 28 e 33).

U.E. 18 – unidade registada nos quadrados 188.189/403, que se apresenta como uma depressão existente no granito de base cuja origem, natural ou antrópica, não pôde ser esclarecida. Esta estrutura, de perfil cónico, apresenta ao nível do topo uma configuração sensivelmente circular, com cerca de 1m de diâmetro, estreitando depois para a base. Envolvendo a abertura desta fossa e sobre a rocha de base encontravam-se, no quadrado 188/403, ainda justapostos, alguns blocos de granito que delimitavam este espaço. Esta

fossa atinge uma profundidade máxima da ordem dos 60 cm, e apresentava uma das suas faces revestida por blocos, sobretudo, de granito que assentavam e regularizam a parede rochosa. Entre estes blocos recolheu-se um seixo de quarztito (Foto 14).
A utilidade específica desta estrutura negativa não pode ser definida, uma vez que o sedimento que a preenchia não possuía elementos que permitissem uma classificação funcional.
No momento terminal da ocupação do sítio, esta fossa estaria certamente preenchida e/ou coberta, de outra forma seria difícil justificar a ausência, no seu interior, de uma componente artefactual semelhante à detectada nas áreas envolventes.
A U.E.16 e U.E.18 são consideradas estruturas utilizadas durante a ocupação neolítica do sítio, e portanto genericamente contemporâneas de U.E. 6, U.E. 5, U.E. 5A, U.E. 7, U.E. 10, U.E. 12, U.E. 9 e U.E. 17.

Locus *2 – Descrição estratigráfica*

U.E. 1 – unidade estratigráfica superficial, de formação natural, registada em toda a área de escavação, e integralmente escavada. É constituída por um sedimento fino e solto, de cor castanho (Munsell 10YR 5/3, *brown*), contendo abundantes materiais arqueológicos, líticos e cerâmicos apresentando-se, estes últimos, muito rolados. Esta unidade apresenta uma espessura que oscila entre os 30 e os 50 cm, e cobre a U.E. 11 (Fig. 29).

U.E. 11 – unidade estratigráfica constituída por um sedimento fino e solto, de cor castanho-escuro (Munsell 7.5YR 4/2, *brown*), onde são muito frequentes os blocos de granito, de distintas dimensões que se apresentam, como na U.E. 2/3, dispersos de forma pouco coerente por toda a área escavada, associados a abundante material arqueológico, nome-

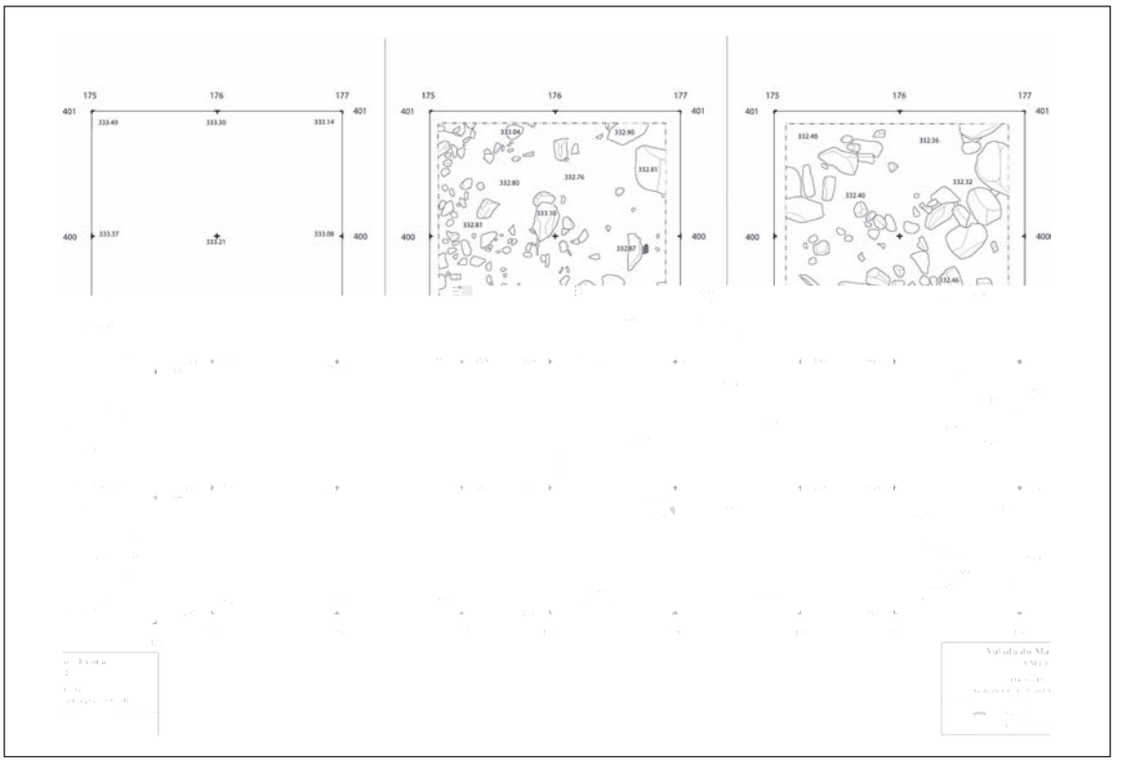


FIG. 29 – Valada do Mato, *Locus* 2, planta da U.E. 1, topo da U.E. 11 e U.E. 11.

adamente partes de recipientes cerâmicos quebrados em conexão (Fig. 29 e Foto 12).
Tal como acontecia durante a escavação da U.E. 2/3, os blocos de granito aqui detectados não parecem integrar qualquer tipo de estrutura. A reduzida dimensão da área intervencionada torna ainda menos clara uma possível leitura espacial deste sector.
Foram recolhidos alguns nódulos de carvão e restos ósseos que aqui, e ao contrário do verificado no Locus 1, apresentam uma coloração alaranjada, própria da fauna que sofreu a acção do fogo, mas que não esteve sujeita a processos de carbonização tão intensos como os registados em redor da U.E. 5.
Esta unidade que apresenta, até ao momento, uma espessura de cerca de 40 cm não foi, ainda, integralmente escavada, e deve, tal como a U.E. 2/3, ter-se formado após o abandono do sítio.

Uma leitura sintética

A escavação deste sítio de habitat ao ar livre pôs a descoberto um conjunto complexo de realidades, de origem natural e antrópica, que assentam na rocha de base ou no granito alterado (U.E. 4), não tendo sido identificado, na área já escavada, qualquer traço de um paleossolo anterior à ocupação neolítica deste espaço.

As primeiras evidências dessa ocupação estão associadas a alguns pequenos blocos de granito (U.E.6), solidamente fincados no areão e que, no quadrado 193/398, ainda parecem definir um arco de círculo. A presença destes blocos, em áreas onde não aflora o granito, pode estar relacionada com alguma manobra de regularização do solo da base da estrutura U.E. 5, no entanto, e atendendo à exiguidade da área onde foi detectada esta unidade, não é possível avançar com uma interpretação definitiva.

A prolongada utilização do sítio deu origem a uma unidade tipo "dark soil" (U.E. 9), cuja escura tonalidade traduz o enriquecimento em matéria orgânica, comum nos níveis antrópicos conservados. Este nível de ocupação depositou-se sobre a rocha, e sobre o areão, e cobriu U.E. 6. A utilização da "estrutura de combustão" (U.E. 5), do pequeno empedrado (U.E. 12), da fossa (U.E. 18) e da "estrutura de habitat" (U.E. 16) decorreu, em simultâneo, com a formação deste solo.

A colocação da cobertura lítica, que encerrou a estrutura U.E. 5, fez-se quando, pelo menos, parte deste solo já se encontrava depositado e o interior da estrutura preenchido.

Neste momento, não é possível reconstituir a dimensão original destas estruturas, ou a espessura que este solo apresentava, no momento de abandono do sítio, no entanto o grande número de blocos de granito dispersos pela área escavada faz admitir que estas se encontram, em grande parte, desmanteladas.

Depois de depositadas ou construídas estas unidades, o sítio, ou pelo menos o sector escavado, foi abandonado e, portanto, sujeito à acção de um conjunto de processos pós-deposicionais, que se consideram responsáveis pela criação da U.E. 8, 2/3, 11 e 1.

Os materiais arqueológicos, sobretudo os grandes fragmentos cerâmicos recuperados na U.E. 2/3, podiam encontrar-se no topo da U.E. 9, passando depois a integrar esta unidade que se constituiu, após o abandono do sítio, através do parcial derrube das estruturas aí existentes, da deposição de um sedimento de cor mais clara, e de material transportado de cotas mais elevadas.

É, portanto, de admitir que, assim como alguns materiais cerâmicos não devem ter percorrido grandes distâncias, o que justifica o estado de conservação das suas superfícies, os ângulos agudos e as arestas vivas que apresentam, também alguns destes blocos podem não

estar muito distantes da sua posição original.

Por fim, depositou-se a unidade superficial, que apresenta uma espessura muito considerável. A ausência, quase total, de blocos de granito, nesta unidade, pode, em parte, explicar-se pela limpeza a que esteve sujeito o terreno lavrado, e o mau estado, e reduzida dimensão, dos fragmentos cerâmicos, como uma consequência dos trabalhos agrícolas aí realizados.

Ainda que, e a partir da leitura da sequência estratigráfica detectada na área intervencionada, se possa afirmar que a criação da U.E 6 está associada aos primeiros momentos de ocupação do sítio, antecedendo a deposição do solo antrópico e das estruturas a ele associadas, e que a cobertura da U.E. 5 representa o último episódio da ocupação neolítica, registada e conservada neste sector, não é possível identificar distintas fases de ocupação neste espaço.

Considera-se que, com excepção das unidades estratigráficas 1, 2/3, 8 e 11, as unidades detectadas devem pertencer ao mesmo ciclo de ocupação do sítio, integrando um único horizonte cultural, cuja efectiva duração não está, ainda, determinada.

O sítio parece, assim, ter sido objecto de uma intensa, e aparentemente continuada, ocupação, uma vez que não são visíveis hiatos, ou descontinuidades, na sequência registada.

O intervalo de tempo, que decorreu entre o estabelecimento e o abandono desta plataforma, ainda que cronometricamente não estabelecido, e reserva-se para outro ponto a detalhada discussão das datações absolutas obtidas para a ocupação, pode ser relativamente amplo, a avaliar pelo volume do material recuperado, e pela abundância do "material de construção" encontrado.

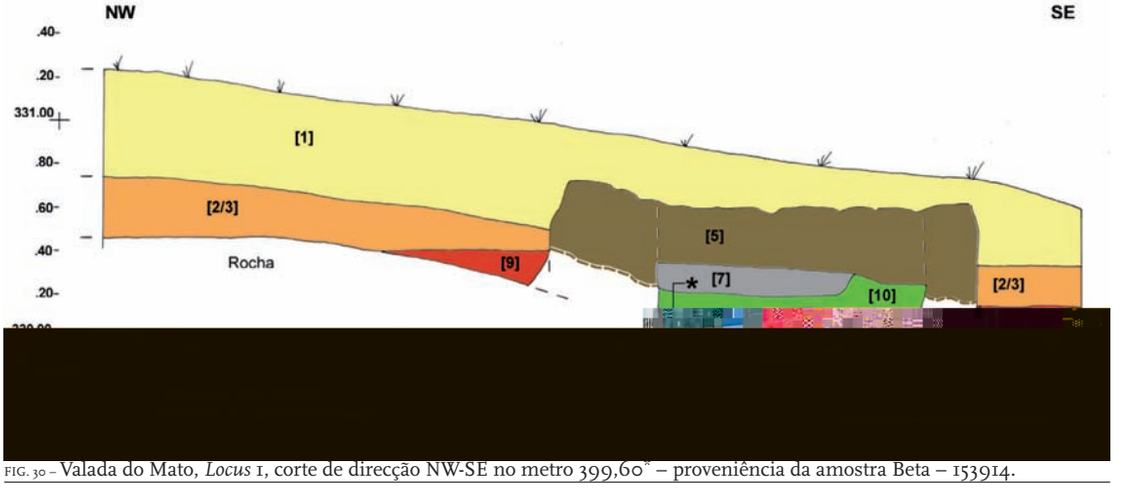


FIG. 30 – Valada do Mato, *Locus* 1, corte de direcção NW-SE no metro 399,60* – proveniência da amostra Beta – 153914.

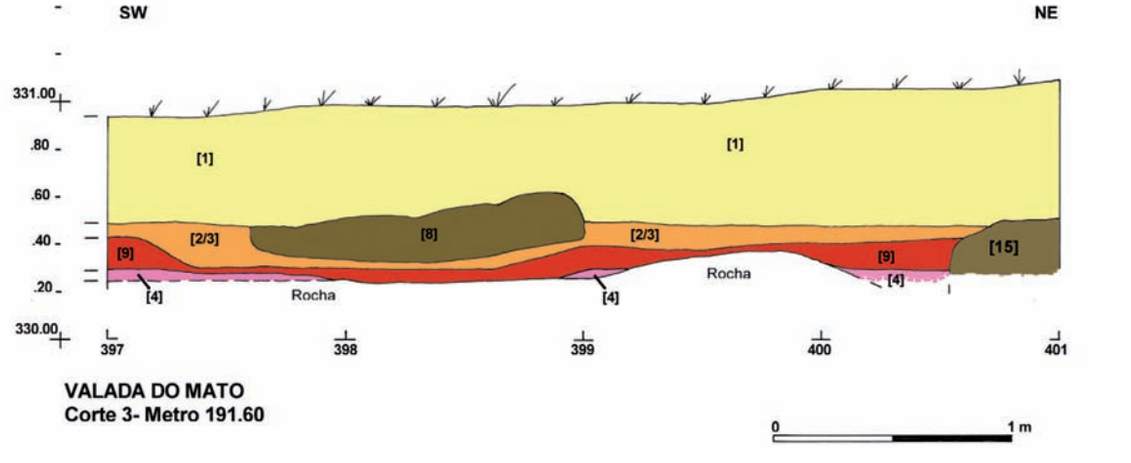


FIG. 31 – Valada do Mato, *Locus* 1, corte de direcção SW-NE no metro 191,60.

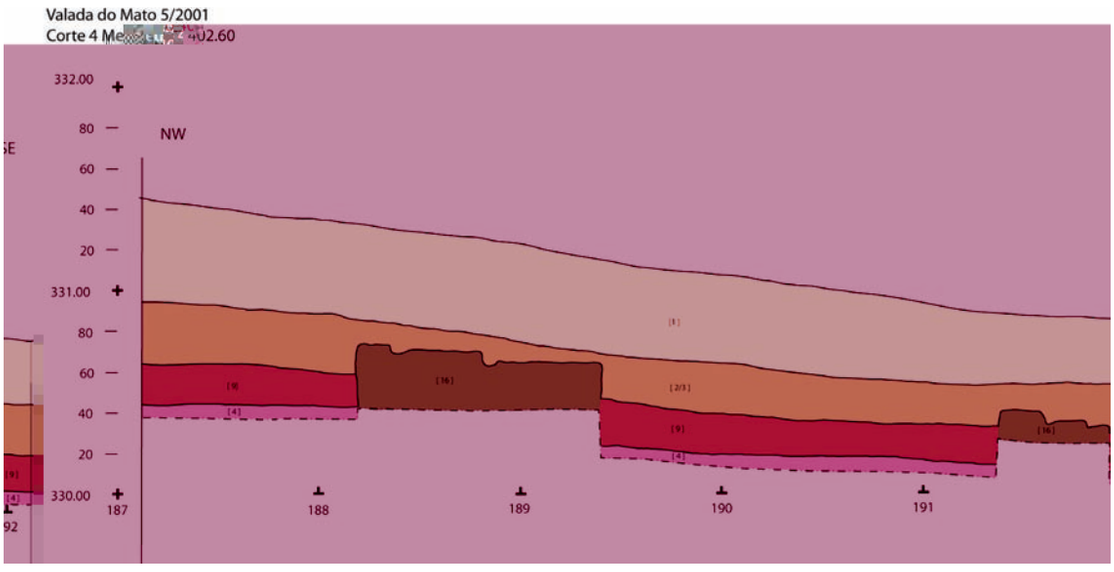


FIG. 32 – Valada do Mato, *Locus* 1, corte de direcção NW-SE no metro 402,60.

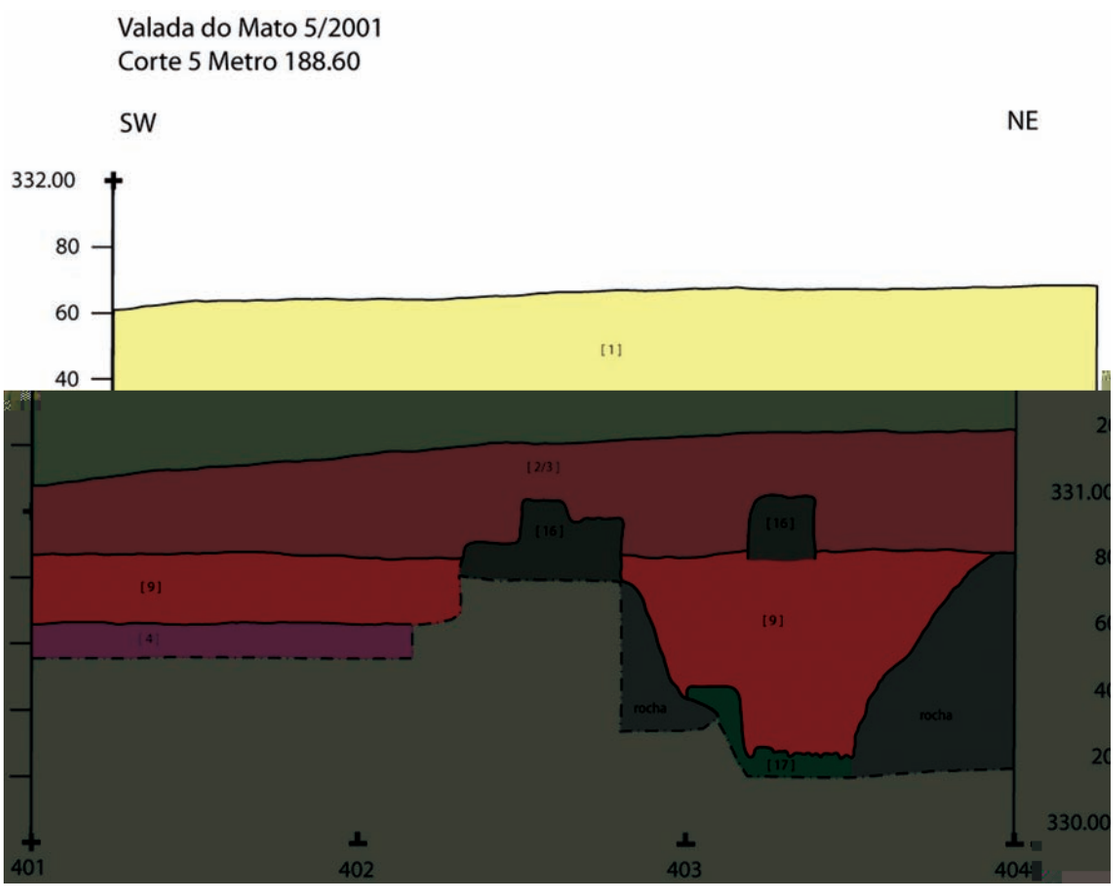


FIG. 33 – Valada do Mato, *Locus* 1, corte de direcção SW-NE no metro 188,60.

[2] À data da apresentação pública deste texto. Desde então foram realizadas campanhas de escavação na Valada do Mato em 2004, 2005 e 2006.